



MAZZAROPI E A MÍDIA REGIONAL

Daniela Baroni¹

Antônio Adami²

Universidade Paulista

Introdução

O presente estudo visa demonstrar como a mídia regional retratou um dos grandes ícones da cultura popular brasileira, o senhor Amácio Mazzaropi, apelido Mazza.

É oportuno esclarecer que este trabalho faz parte do grupo de pesquisa “Mídia, Cultura e Memória” da UNIP, com pesquisadores de diversas instituições nacionais, entre elas a UNITAU, com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós- Graduação.

Pretende-se neste trabalho verificar uma série de recortes de jornais, veiculados no Vale do Paraíba durante o período em que Mazzaropi estava vivo, para se ter uma idéia de seu papel no contexto jornalístico regional. Eis nosso problema! Porque foi apenas depois de haver se tornado popular é que os historiadores, políticos, donas de casa, intelectuais, etc... acordaram para a importância histórica, social e cultural de Mazzaropi. Importância que se estende não apenas para o Vale do Paraíba, mas para todo o Brasil, América Latina e, mais tarde, Europa³. Mesmo assim, reforça-se que a pesquisa se estabelecerá cronologicamente nos anos em que o artista ainda estava vivo, até 1981.

¹ DANIELA BARONI. É Jornalista e possui o título de *Suficiência Investigadora* pela Universidade de Navarra-Espanha. Autora de artigos sobre Mídia Regional e Memória em diversos jornais, entre eles o jornal O Estado de S. Paulo. Mestranda do Programa de Mestrado em Comunicação da UNIP.
E-Mail: danibaroni@yahoo.com

² ANTÔNIO ADAMI. É Doutor pela Universidade de São Paulo com a tese “As Adaptações Literárias no Cinema e na Televisão”. Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da UNIP e organizador do livro “Mídia, Cultura, Comunicação”, S. Paulo, Arte e Ciência Editora, 2002.
E-mail: antonioadami@uol.com.br

³ Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Iniciaremos o trabalho com algumas indagações e reflexões sobre o homem Mazzaropi e o artista Mazzaropi, ao mesmo tempo que buscaremos esclarecer os fatos históricos mais importantes de sua vida e, principalmente, aqueles que se relacionam com o Vale do Paraíba – e mais especificamente Taubaté. Este trabalho tem como base teórica a pesquisa científica realizada pela professora Dra. Olga Rodrigues Nunes de Souza⁴.

Outro foco da pesquisa é a mídia regional. Aqui, dividimos a relação de Mazzaropi com a mídia em duas fases distintas: uma primeira a relação com a mídia no geral, e a segunda com a mídia local. Quanto à primeira relação, ressaltamos que Mazzaropi estreou na inauguração de várias rádios e foi o humorista pioneiro a estar presente na primeira transmissão da televisão na América Latina. Por consequência, citaremos algumas críticas feitas a Mazzaropi nos grandes jornais. Na segunda relação verificaremos como era a imagem do artista na mídia regional do Vale do Paraíba. Encontramos grande dificuldade em coletar as notícias e críticas regionais, já que os museus e os trabalhos científicos sobre o ator, geralmente, dão uma importância maior para as informações jornalísticas publicadas nos grandes jornais e, os jornais de menor circulação não possuem arquivos bem organizados, fazendo com que muito do que se produz se perca.

A trajetória de vida e as ligações com Taubaté

Amácio Mazzaropi nasceu no dia 9 de abril do ano de 1912, na cidade de São Paulo. Filho de pai italiano e mãe de descendência portuguesa, foi para Taubaté, cidade do Vale do Paraíba – São Paulo –, com dois anos de idade. Aos quatro, sua mãe começou a trabalhar como tecelã da fábrica CTI – Companhia Taubaté Industrial, e por esse motivo, Mazzaropi foi morar na cidade de Tremembé na casa dos avôs maternos, onde começou a ter contato com a

³ Seu 25º filme foi “Um caipira em Bariloche”, rodado simultaneamente em Taubaté (Sindicato Rural e Fórum), São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Bariloche, na Argentina. Consta como sendo o primeiro trabalho a dar uma projeção internacional ao artista. E a película “Portugal, minha saudade”, seu 26º filme, teve tomadas em Taubaté, São Paulo, Rio de Janeiro, externas a bordo do navio “Eugênio C”, Fátima e Lisboa, em Portugal. Mazzaropi aproveitou a viagem e se encontrou com diversos diretores, técnicos e produtores do cinema internacional, em Paris e Londres. Cfr. SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para a roça. O caminho inverso do caipira Mazzaropi.”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 33-34.

⁴ SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para a roça. O caminho inverso do caipira Mazzaropi.”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 9 - 40.



música, já que seu avô se apresentava com sua violinha na recém-inaugurada Estação da Central do Brasil em Tremembé.

Com sete anos de idade, volta à São Paulo e lá permanece por mais três anos.

Novamente em Taubaté, seus pais voltam a trabalhar na CTI e abrem também um botequim, na residência da Rua América. Amácio, considerado um ótimo estudante e com uma enorme facilidade para decorar e interpretar poemas, volta a ter contato com os circos que passavam por essa região. Inicialmente seus pais eram contra por acreditar que a vida de artista era vocação para malandro, para inútil e com pouco retorno financeiro. Foi por este motivo que o convenceram a estudar pintura.

Novamente morando em São Paulo e com 14 anos de idade, Mazzaropi conhece o famoso Ferry, faquir do circo “La Paz”, e começa a se apresentar nos intervalos do circo. Sem dinheiro, Mazzaropi volta para a casa dos pais em Taubaté e trabalha por dois anos como tecelão na CTI⁵.

Aos 19, reinicia novamente no teatro e trabalha agora como ator e diretor no salão do “Externato Sagrado Coração de Maria”, do Convento Santa Clara, Taubaté. Um ano depois, trabalha no “Theatro do Soldado”, cuja renda era em prol das viúvas e órfãos dos soldados mortos na Revolução Constitucionalista.

Em 1934, Mazza, como era conhecido, ingressa e logo torna-se líder da antiga trupe “Olga Crutt” que logo veio a se chamava “Troupe Mazzaropi”. Seus pais ingressam também na companhia e viajavam com êxito por todo o país. Resolvem então montar um pavilhão⁶, o “Pavilhão Mazzaropi”, e aos 23 anos, Mazzaropi torna-se dono de seu próprio palco.

No ano de 1943, recebe uma herança de sua avó e melhora o “Pavilhão Mazzaropi”. Mas ainda com problemas financeiros, decide juntar sua companhia com a do consagrado ator

⁵ É interessante esta discussão que existia se Mazzaropi havia ou não trabalhado na Companhia Taubaté Industrial – CTI. Ele veementemente negava ter trabalhado na CTI (não se sabe o motivo), mas a pesquisadora Rodrigues Nunes de Souza confirmou através de documentos da própria empresa que sim, que ele trabalhou na CTI por um curto período, e apenas há poucos anos encerrou-se esta discussão.

⁶ “O **Pavilhão** era um tipo de construção teatral que, em geral, media cerca de 15 m de largura por 40 m de comprimento. Suas paredes eram de madeira – tábuas corridas. Era coberto de lona e as cadeiras e bancos do público eram de madeira. Segundo a tradição oral dos artistas mambembes, esse estilo de era uma criação dos artistas Daniel e Sara Bernardes (sic), e ficou conhecido como Teatro de Emergência. O primeiro programa apresentado era basicamente em partes: na primeira, músicas solo e esquetes; na Segunda, pequenas peças dramáticas ou comédias. Os artistas, assim como o teatro, depois de desmontado, viajavam sempre de trem.” SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para... op.cit., p.14.



Nilo Nello e estreíam juntos a peça “Filho de sapateiro, sapateiro deve ser”, no teatro Oberdã, em São Paulo.

Gostaríamos de explicar aqui algumas relações de Mazzaropi com a cidade de Taubaté. Observa-se com esta descrição cronológica que a ligação de Mazzaropi com o Vale do Paraíba era, em um primeiro instante, apenas de origem familiar. Mas sem dúvida foi nesta região geográfica onde ele teve os primeiros contatos com as artes que desenvolveu – música, pintura, declamações de poemas, etc...-. Aptidões que mais tarde foram fundamentais para a execução de suas películas.

Por outra parte, embora a história dê a impressão de que sua estréia no palco tenha sido em São Paulo – aos 14 anos no circo “La Paz” – esclarecemos que tal circo viajava por todo o interior de São Paulo, principalmente cidades do Vale do Paraíba e Sul de Minas. E cinco anos depois, o artista volta para Taubaté, por necessidade financeira, onde começou a cativar o seu público “exclusivo” (não mais com o circo), público que mais tarde se estendeu para as mais diversas cidades do Brasil. Como ele mesmo definiu para a Revista Veja: “Meu público é o Brasil, do Oiapoque ao Chuí. Eu loto casa em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Acre, Rondônia, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, ilha do Bananal...”⁷ E anualmente, levava ao cinema uma média de dois milhões de espectadores.

O sucesso nos meios de comunicação

Mazzaropi continua com o “Teatro de Emergência”, em São Paulo, e em março de 1946, o então diretor-artístico da Rádio Tupi de São Paulo, Demerval Costa Lima, o convidou para uma experiência de 3 meses no programa “Rancho Alegre”. Este programa era produzido por Cassiano Gabus Mendes. E “ainda esse ano apresenta-se na inauguração dos 50 mil KW da Rádio Tupi de Rio de Janeiro (...) Abafou. Voltou a cena várias vezes, mas para ele o maior elogio foi o convite do jornalista Carlos Rizzini para um contrato de seis meses na **Rádio Carioca**. (...)”⁸

⁷ SALEM, Armando. “O Brasil é o meu público – De Jeca a Djeca, um sucesso de 25 anos, com os cinemas sempre lotados”, em *Revista Veja*, 28 de janeiro de 1970. Disponível em: <http://www.museumazzaropi.com.br/sucesso/suc05.htm>, abri de 2003.



Daí em diante Mazzaropi não saiu mais dos meios de comunicação. Trabalhou nas Emissoras Associadas com o “Show Brigada da Alegria” e estendeu seu público a Minas Gerais, ao lado da taubateana Hebe Camargo e outros artistas. O que a mídia de Belo Horizonte escreveu na época foi que:

Em vista do ruidoso sucesso que vem conseguindo em suas apresentações, a direção das Emissoras Associadas, a fim de satisfazer aos milhares de ouvintes, resolveu prolongar até Domingo próximo, a temporada de **Mazzaropi**, o consagrado artista da Tupi de São Paulo e figura das mais expressivas nos meios radiofônicos do País. Os mineiros, desta maneira, terão a oportunidade de assistir, ainda, a três espetáculos do festejado ‘Bernard Shaw do Tucuruvi’, que, em nossa capital, desfruta de uma oportunidade poucas vezes conseguida por qualquer artista internacional. As audições de Mazzaropi, ‘o monstro do humorismo’, realizar-se-ão amanhã, sábado e Domingo (...) ⁹

Mazzaropi participou da inauguração da primeira televisão da América do Sul¹⁰, de Assis Chateaubriand, a PRF 3 TV Difusora de São Paulo Canal 3, e um ano depois, estava presente também na inauguração da TV Tupi do Rio de Janeiro, e assim marcou a história como o primeiro humorista da televisão brasileira. Ao seu lado, trabalhava a atriz Geni Prado, que o acompanhou depois em quase todos os seus filmes.

Aos 39 anos de idade e toda esta bagagem, levou a Companhia Cinematográfica Vera Cruz convidá-lo para um teste. Isso ocorreu no ano de 1951 e ao ser aprovado, Mazzaropi foi protagonista de seu primeiro filme: “Sai da Frente”.

Desde então foi considerado o humorista de maior sucesso nacional e anualmente estreava uma nova comédia.

Mazzaropi fez mais dois filmes na Vera Cruz, um pela Companhia Cinematográfica Brasil Filmes, outro pela Fama Filmes. Fez ainda três filmes pela Companhia Cinematográfica Cinedistri. Um total de oito filmes, antes de decidir – ou melhor, ter condições de – montar sua própria produtora em Taubaté, a “PAM Filmes” – Produções Amácio Mazzaropi.

⁸ *A Hora*, 21-ago-1952, Arquivo Museu Mazzaropi. In: SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para... op.cit., p.19.

⁹ Belo Horizonte, 1947, Arquivo Museu Mazzaropi. In: SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para... op.cit., p.20.

¹⁰ Cfr. *Diário da Noite*, 05-out.-1950, Arquivo Museu Mazzaropi. In: SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para... op.cit., p.21.



Assim, ele se consagrou não apenas como ator e comediante, que já era reconhecido, mas também como produtor, diretor, distribuidor e até fiscalizador de seus próprios filmes.

A “PAM Filmes”, situada primeiramente na Fazenda da Santa e posteriormente na Fazenda-Estúdio, fez de Taubaté e de todo o Vale do Paraíba palco de uma série de vinte e quatro filmes que Mazaropi rodou por esta região, entre os anos de 1958 e 1981. E Taubaté, em seus áureos tempos, foi levado para as telas de cinema de todo o Brasil.

O cineasta, ator, produtor e diretor nos deixou sem a sua alegria, honestidade, ingenuidade, capacidade e simplicidade no dia 13 de junho de 1981, quando faleceu de câncer na medula. Foi enterrado ao lado de seu pai na cidade de Pindamonhangaba, vizinha a Taubaté.

Considerações Preliminares

Como já mencionado, este é um estudo inicial, que faz parte de uma pesquisa mais ampla, do grupo de pesquisa “Mídia, Cultura e Memória”. Neste sentido analisaremos basicamente três textos jornalísticos regionais sobre o cineasta, enfocando aspectos que nos permita conhecer como a mídia o retratava.

Dentre as fontes consultadas, apenas na Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade de Taubaté – CDPH/UNITAU- e no arquivo pessoal da pesquisadora Olga Rodrigues Nunes de Souza, foram encontradas críticas jornalísticas quanto ao homem e artista Mazaropi, que correspondessem com a época que delimitamos. No arquivo do jornal “A Tribuna do Norte”, de Pindamonhangaba, também há um acervo sobre o tema, que estamos neste momento recopilando.

O Museu Mazaropi, de Taubaté, situado na Fazenda Santa, antigo estúdio cinematográfico e residência do artista, tem um grande arquivo e acervo sobre a vida de Mazaropi. Entretanto, não possui nenhum documento referente à mídia regional, no período que tratamos em nosso recorte.

Em pesquisa realizada no Museu Municipal de Taubaté nos permite afirmar que os jornais da cidade difundiam sobretudo notas informativas sobre os eventos que Mazaropi

realizava na região. E muito pouco sobre críticas ou reportagens que nos permita saber exatamente como o artista era percebido pelas pessoas do Vale do Paraíba.

Em relação aos 30 anos que se pretende estudar, sem dúvida, a primeira década é a menos explorada pelos pesquisadores e a de maior dificuldade para o alcance de material. Sabe-se que era a fase em que a grande mídia tecia elogios ao ator, principalmente, porque ele era parte do *casting* dos Diários Associados de Assis Chateaubriand – tanto das rádios como da televisão-.

As críticas crescem a partir do momento em que Mazzaropi começa a aparecer nas telas de cinema, seja pelo alcance como pela independência que foi adquirindo de outras instituições e do governo de forma geral.

Atentamos também para o fato de que os temas de seus filmes eram aparentemente ingênuos, e, ao mesmo tempo, driblavam a censura da época. Mas sem dúvida os temas retratados por ele – tidos como simples e desprovidos de ideologias – não foram cem por cento compreendidos pelos grandes formadores de opinião pública e críticos de cinema – dos grandes veículos – daquela época. Já a mídia regional, que não se prendia apenas à grandiosidade e aos lucros do artista – como muitas vezes fazia a crítica nacional -, o mostrou como um ser que faz parte do meio, um ser humano simples e tratando-o com certa intimidade e orgulho.

Quanto à opinião dos críticos dos grandes jornais, Cláudio Marques explica que:

O contexto social, cultural e político da época era outro, e os críticos estruturavam seus juízos de valor a partir de princípios que excluía ou desdenhavam o cinema que não fosse engajado politicamente, com um fim social. O período de autoritarismo, sempre na contra-mão da cidadania, dava razões de sobra para a crítica exercer um papel de oposição à arte (aparentemente) despreziosa como a de Mazzaropi e esta mesma crítica, geralmente contrária ao regime em vigor, acabou rechaçando o “outro”, tratando-o de “inculto, tosco, grotesco, primitivo”, a “Visão inocente de um caipira”.¹¹

¹¹ MARQUES, Cláudio. “Mazzaropi: uma memória virtual”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 06.



Entretanto, verificaremos em seguida que a mídia regional será mais resistente quanto a este “autoritarismo” que resultava na oposição da arte, apoiando, incentivando, acreditando, enaltecendo e até defendendo o artista frente aos ataques da mídia das grandes cidades.

As Críticas da Mídia Regional

A crítica regional mais importante encontrada até o presente momento é o artigo do jornalista José Pedro Saturnino, intitulada “Murmúrios e Comentários”, de 12 de fevereiro de 1965, no jornal “A Voz do Vale do Paraíba”. Na realidade, este artigo é uma “resposta” à seção “Crítica de Cinema”, veiculada no domingo anterior no “Diário de São Paulo” e assinada por José Julio Spiewak, que discorria sobre o filme “Meu Japão Brasileiro”. As palavras iniciais de Saturnino, que se referia a Spiewak foram: “Na verdade o crítico desceu a lenha no produtor e ator que é Mazzaropi. Lembrou ‘Casinha Pequenininha’, tecendo considerações várias sobre o conhecido humorista, diga-se, nada abonadoras.”¹²

Observamos aqui a imprensa regional “tomando as dores” do cineasta que é considerado um dos maiores empresários e símbolos da região. E a defesa continua:

O ARTISTA – Já lhes contei isso, mas é bom que repita: De uma feita, Mazzaropi veio até esta **sua** (grifo nosso) terra para o lançamento de uma produção. Não me lembro qual. Entrevistei-o no escritório da Radio Difusora Taubaté, ouvindo o seguinte: ‘A crítica, via de regra nunca me é favorável. Rara e esporadicamente você encontrará alguém elogiando aquilo que venho realizando. Acontece que o meu objetivo é fazer cinema para o povo. Ir ao seu encontro apresentando cenas humanas e aparecendo o meu humorismo, quando julgo oportuno. Meu roteiro é buscar agradar a massa enorme que acode aos meus espetáculos. Tenho conseguido isso. Acontece porém, que cada crítico se imagina capaz de produzir, de fazer cinema diferente. Tenho recebido tantas e tantas propostas que nem é interessante enumerá-las. Mas meu desejo é agradar e só posso fazê-lo apresentando a minha arte e sendo tão humano como o são milhares e milhares de meus fans.’¹³

¹² SATURNINO, José Pedro. “Murmúrios e Comentários”, *A Voz do Vale do Paraíba*, 12-fev.-1965, Taubaté, arquivo da Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH, da UNITAU.

¹³ Idem.

Percebe-se na transcrição deste trecho algo singular: a intimidade e a confiança com que Mazzaropi tratava a mídia regional e vice-versa. Havia uma cumplicidade muito maior – e totalmente explicável – entre o homem Mazzaropi e os meios de comunicação locais do Vale do Paraíba, principalmente, se compararmos seu comportamento com os grandes meios de comunicação de massa. Em entrevistas para estes últimos, o artista e empresário quase não falava e muitas vezes manifestou sua insatisfação com as deturpações que a “grande mídia” realizava em seus depoimentos. O que se observa é que o autor do artigo aproximou Mazzaropi dos taubateanos, já que Taubaté se considera seu público – e de certa forma privilegiado –, sendo sempre muito respeitado e enaltecido com os filmes do Mazza.

Mas a defesa da imprensa local não termina por aqui. Agora, Saturnino finaliza seu discurso com uma retórica contrária: aproximando os taubateanos de Mazzaropi – e não o inverso com foi anteriormente:

“MEU JAPÃO BRASILEIRO” – A película em apreço está em exibição no Art Palácio. Vocês, meus amigos sabem que a maioria de seus exteriores foi rodada em Taubaté, aparecendo muitos e muitos filhos desta terra, nas diferentes cenas do aludido filme. Até o E. C. Taubaté tem a sua parte, sendo focalizado o seu novo estádio. Homenagem de Mazzaropi a seu povo, a sua terra de adoção e aos seus amigos aqui residentes. “Meu Japão Brasileiro” marcará novo record (sic) de bilheteria mesmo com a crítica contraria ao “velho” Mazzaropi.¹⁴

Certamente o trecho acima vem reforçar a hipótese de que a mídia regional tratava Mazzaropi com distinção, com defesa, orgulho e adoração. As palavras: “Homenagem de Mazzaropi a seu povo, a sua terra de adoção e aos seus amigos aqui residentes”, dá a impressão de um chamamento para que a população da cidade saia em defesa de Mazza. Porque “Até o E. C. Taubaté tem a sua parte”. E esta parte merece um comentário especial, já que esta “propaganda” do estádio municipal, o Esporte Clube Taubaté, não parece ser um mero acaso.

Sem dúvida o futebol é uma das grandes paixões dos brasileiros. E por isto, Mazzaropi sabiamente irá rodar o filme “O Corinthiano”, dois anos mais tarde. Mas o que foi pouco difundido e é inclusive controverso, é sobre o envolvimento de Mazzaropi com a construção

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Folkcomunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

de tal estádio de futebol na cidade de Taubaté. Em conversas informais, algumas pessoas afirmaram que ele trabalhou duramente para a arrecadação de fundos para dita construção.

Em trabalho científico da pesquisadora Rodrigues Nunes de Souza, encontramos a seguinte informação “**Meu Japão Brasileiro** é o seu 17^o filme. Rodado em cores, foi produzido em 1964 e lançado em 1965. Sua produção teve um pequeno percalço quando Amácio Mazzaropi sofreu um segundo acidente de carro e paralisou as filmagens.”¹⁵

Esta crítica, do ano 1965, é considerada a mais importante até o presente momento. Porque é a que melhor retrata e confirma a nossa hipótese: de que a mídia regional dá um tratamento diferencial à Mazzaropi. Diferencial em dois sentidos, tanto se comparada com a mídia de maior circulação, onde escreviam os críticos de renome; como por considerá-lo um homem do meio, da região, bem compreendido, um “lutador”, um taubateano que deu certo em decorrência do seu trabalho, seriedade, dedicação e profissionalismo.

Os Informativos da Mídia Regional

Mais dois textos foram selecionados afim de serem descritos e analisados para definirmos melhor como a mídia regional retratava Mazzaropi. Ambos são da imprensa de São José dos Campos, que acreditamos ter um menor “envolvimento emocional” com o artista. Ressaltamos entretanto que, diferente do primeiro texto analisado, que possui características da crônica jornalística, estes que seguem têm um caráter mais informativo, menos pessoal, pois já é um jornal de grande circulação: “Vale Paraibano”, de São José dos Campos. Começamos pela reportagem “Mazzaropi promove guerra entre terreiros de umbanda”¹⁶, do dia 1 de maio de 1980.

Sua relevância é porque, mais uma vez, a cultura – e estendemos aqui para os problemas, particularidades, costumes, etc... – do Vale do Paraíba é diretamente relacionada com o tema principal de um de seus filmes, neste caso: “O Jeca e a Égua Milagrosa”.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ A *Noite*, 03-set-1964, Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH, da UNITAU. In: SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para... op.cit., p. 30.

¹⁶ Na realidade, o autor (desconhecido) escreve a todo instante o nome de Mazzaropi de forma equivocada, desde o título até o final. Corrigimos aqui para a maneira correta para evitar qualquer tipo de confusão.

Numa primeira parte, o autor do texto, que não está assinado, começa fazendo uma breve sinopse sobre a nova película do ator. Informa que o tema será também abordado em um documentário que está em fase de execução e reforça sua colocação com citações do próprio Mazzaropi:

Uma verdadeira guerra entre terreiros de umbanda, o bem e o mal questionados e um homem que se casa com uma égua misteriosa. Tudo isso faz parte do novo filme do comico Amácio Mazzaropi, que está sendo filmado em Tramembé, Taubaté e outros pontos da região. Há mais de uma semana a equipe da PAM Filmes – Produções Amácio Mazzaropi, filme em locações, em Tremembé “Guerra dos Terreiros”, que deverá ser lançado comercialmente em todo o Brasil no final do ano. A película aborda um tema atual e controvertido: o misticismo do brasileiro. E ela mostrará “os terreiros decentes e os fajutos”, no dizer de Mazzaropi, “pois tem muito terreiro fajuto por aí, iludindo o povo com falsas promessas”. O próprio comediante preparou o roteiro, o argumento, além de ser o diretor artístico. Mesmo confessando “não entender nada disso”, o artista aborda o tema do filme, de maneira séria, ajudado por um médico de São Paulo, que cuidou de pesquisar o assunto. “Dentro do humor comenta Mazzaropi – há uma mensagem para o povo ver que há muita fajutice nisso tudo.” (...) ¹⁷

Em relação ao trecho recém descrito, uma clara diferença que se pode observar é que a imprensa de São José dos Campos não trata Mazzaropi com tanta “intimidade” como a de Taubaté. Levantamos então as seguintes possibilidades: a primeira, relativa ao feito de que o texto não esteja assinado, o que nos deixa sem saber se o escritor era ou não da região, o que certamente contribui para uma mudança do tom da reportagem. Também vale lembrar que a pauta deste texto – ao contrário do primeiro – não é uma defesa ao ator, e sim, um informativo.

O que há em comum em ambos textos é a citação das cidades do Vale do Paraíba e, Taubaté, sem dúvida, é sempre a mais presente. Percebe-se também a descrição do lado humano de Mazzaropi retratado a partir de uma extrema preocupação social – não a de educar, já que ele afirmava que educação é um problema do governo – mas de certa forma, a intenção de conscientizar a população quanto à: corrupção, reforma agrária, descaso com a saúde, falsidade de algumas instituições religiosas – embora sempre com muito respeito, já

¹⁷ “Mazzaropi promove guerra entre terreiros de umbanda”, em *Vale Paraibano*, 1-maio-1980, São José dos Campos, arquivo da Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH, da UNITAU.



que era católico – e, sempre, a partir de enredos simples e atuais: conflitos de gerações, lei do divórcio, briga de amigos, enfim, situações do cotidiano.

Mas para podermos comparar a imprensa de Taubaté com a de São José dos Campos, selecionamos outro artigo publicado em São José. O texto escolhido foi “O pensamento vivo de Mazzaropi”, de Camões Filho, de 21 de junho de 1981, relativo ao falecimento do ator e faz referência a uma entrevista dada por Mazzaropi no dia 12 de setembro de 1979. Nota-se que neste texto, existe sim um grau maior de proximidade entre o jornalista e o ator:

O PENSAMENTO VIVO DE MAZZAROPI SOBRE O LOCAL DE NASCIMENTO
“Não, eu não nasci no bairro da Estiva, em Taubaté. Nasci em São Paulo, na Rua Vitorino Capino, nº 5 e fui batizado na Igreja Santa Cecília. Quem nasceu em Taubaté foi mamãe, Clara Ferreira Mazzaropi. Mas eu considero Taubaté a minha terra, estou aqui radicado e gosto muito do povo de Taubaté. Trabalhei muito aqui em Taubaté, no ano de 1932, no Teatro do Soldado. Era um recrutamento de artistas para trabalhar em benefício das viúvas e órfãos de soldados da causa Constitucionalista. E eu fiquei em Taubaté, viajava nesse trecho aqui e fiquei muito tempo trabalhando em Taubaté. Agora, não é verdade que eu trabalhei numa fábrica daqui. Isso é coisa do povo. Eu nunca entrei nessa fábrica”.¹⁸

Mais uma vez atentamos para a referência que a mídia faz às cidades do Vale do Paraíba, claro que por sua própria essência, já que é regional. Só que neste caso, além de o texto referir-se à Taubaté, existe também a aproximação do ator com a cidade, o envolvimento familiar com a cidade, a adoção da cidade como sendo a dele, o trabalho em prol dos necessitados da cidade, a preocupação com o próximo e o desejo de sempre voltar para onde assume ser a sua terra. Porque o escolher estar em um determinado local é ainda mais importante do que simplesmente fazer parte por imposição do destino.

Conclusão

A partir do que foi colocado no desenvolvimento da pesquisa, concluímos que Mazzaropi viveu o Vale do Paraíba em seu dia-a-dia como artista e como homem. O Vale

¹⁸ FILHO, Camões. “O pensamento vivo de Mazzaropi”, em *Vale Paraibano*, 21-jun-1981, São José dos Campos, arquivo da Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH, da UNITAU.



serviu como contraponto em o nacional e o local, onde ele encontrava, de certa forma, o seu pé de apoio. É no Vale onde ele registra suas emoções do mundo que o cerca e transforma estas emoções em nacionais e mundiais. O homem se confunde com o artista. Ele não era “Jeca”, aliás extremamente avançado, tecnologicamente analisando, mas mantinha um espírito de simplicidade e de “caipira”, que o brasileiro no geral mantém, pois somos um país de tendências agrárias. Partindo desde a sua infância, do seu ciclo familiar e social, foi em Taubaté onde ele desenvolveu grande parte de suas habilidades artísticas e relações sociais.

Voltou para São Paulo, cidade onde nasceu, várias vezes, viajou a trabalho por diversas cidades, o que nos faz considerá-lo um cidadão brasileiro. Mas escolheu e adotou o Vale do Paraíba – e as pessoas dali – como sendo o seu local do coração.

A mídia dos grandes meios de comunicação quase sempre o criticou de uma maneira negativa, tanto por suas obras cinematográficas, como por uma incompreensão da sua pessoa. Onde a preocupação com os lucros de seus filmes e a extrema simplicidade de seus temas sempre incomodavam de uma maneira geral. Mas mesmo assim e com muito talento, deixou uma obra de grande sucesso nos diferentes meios: teatro, circo, rádio, televisão, cinema. Segundo ele, suas preocupações versavam em primeiro lugar com o seu público fiel e, também, com a parte empresarial do cinema de construir um “império” independente.

Quanto ao nosso objetivo principal – o de verificar como o homem e o artista Mazzaropi eram retratados pela mídia regional – descobrimos que os meios de comunicação do Vale do Paraíba retribuía ao ator a consideração e o carinho que possuía pela região. O fato do jornalista José Pedro Saturnino, de Taubaté, haver defendido públicamente Mazzaropi, seria algo inconcebível na “grande” mídia. E, sem atacar os grandes diários que se referiam a ele de forma pejorativa e algumas vezes até mentirosa, o jornalista conseguiu retroceder a situação e enaltecê-lo por seus valores reais.

Ao estudarmos o jornal “Vale Paraibano” de São José dos Campos, estabelecemos que de fato a imprensa de Taubaté o tratava com maior intimidade. Entretanto, fatores comuns foram apontados nos textos transcritos: sua relação com o Vale do Paraíba, o lado humano e a preocupação social do homem e ator Mazzaropi.

Para finalizar, apontamos que a mídia regional se prendia e se preocupava muito mais com o que representava o homem Mazzaropi para a região, do que com aquela “velha”



preocupação da mídia nacional que visava publicar sobre os lucros, as posses e as intenções do ator.

Bibliografia

A Hora, 21-ago-1952, Arquivo Museu Mazzaropi. Em SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para a roça. O caminho inverso do caipira Mazzaropi.”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 9 - 40.

A Noite, 03-set-1964, Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH, da UNITAU. Em SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para a roça. O caminho inverso do caipira Mazzaropi.”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 9 - 40.

Belo Horizonte, 1947, Arquivo Museu Mazzaropi. Em SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para a roça. O caminho inverso do caipira Mazzaropi.”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 9 - 40.

Diário da Noite, 05-out.-1950, Arquivo Museu Mazzaropi. Em SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para a roça. O caminho inverso do caipira Mazzaropi.”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 9 - 40.

FILHO, Camões. “O pensamento vivo de Mazzaropi”, em *Vale Paraibano*, 21-jun-1981, São José dos Campos, arquivo da Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH, da UNITAU.



MARQUES, Cláudio. “Mazzaropi: uma memória virtual”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 03-08.

SALEM, Armando. “O Brasil é o meu público – De Jeca a Djeca, um sucesso de 25 anos, com os cinemas sempre lotados”, em *Revista Veja*, 28 de janeiro de 1970. Disponível em: <http://www.museumazzaropi.com.br/sucesso/suc05.htm>, abri de 2003.

SATURNINO, José Pedro. “Murmúrios e Comentários”, *A Voz do Vale do Paraíba*, 12-fev.-1965, Taubaté, arquivo da Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH, da UNITAU.

SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. “De São Paulo para a roça. O caminho inverso do caipira Mazzaropi.”, em *Revista Ângulo – Especial Mazzaropi*, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila, Lorena, São Paulo, n. 82/83, janeiro/junho, 2000, p. 9 - 40.

“Mazzaropi promove guerra entre terreiros de umbanda”, em *Vale Paraibano*, 1-maio-1980, São José dos Campos, arquivo da Hemeroteca do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH, da UNITAU.